

Comunicação-trama em Hostels:

reflexões a partir do Relato de Experiências¹



Maria Luiza Cardinale
Baptista¹
Mara Regina Thomazi²

Resumo: Este texto analisa a comunicação-trama em *hostels*, com a mutação de processos socioculturais e comunicacionais. Traz o relato de pesquisa qualitativa, transdisciplinar, a partir da estratégia metodológica Cartografia de Saberes. As singularidades dos *hostels* têm caráter sistêmico e complexo, o que demanda abordagem metodológica com lógica processual e plural. Tem-se um ambiente de trama comunicacional constituída também pela trama midiática, com marcas de amorosidade, nas relações pessoais.

Palavras-chave: Comunicação. Turismo. *Hostel*. Amorosidade.

Comunicación-Trama en Hostals:

Reflexiones a partir del Relato de Experiencias

Resumen: Este texto analiza la comunicación-trama en *hostales*, con la mutación de procesos socioculturales y comunicacionales. Trae el relato de investigación cualitativa, transdisciplinaria, a partir de la estrategia metodológica Cartografía de Saberes. Las singularidades de los *hostales* tienen carácter sistémico y complejo, lo que demanda estrategia metodológica con lógica procesal y plural. Se tiene un ambiente comunicacional constituída también por la trama mediática, en las relaciones personales.

Palabras clave: Comunicación. Turismo. *Hostal*. Amorosidad.

Communication-Weave in Hostels:

Reflexions from the Narrative of Experiences

Abstract: This text analyzes the communication-weave in *hostels*, with the mutation of sociocultural and communicational processes. It brings a qualitative and transdisciplinary research, based on the methodological strategy Cartografia de Saberes. The singularities

¹ Uma primeira versão deste trabalho foi apresentada na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, 2017, Caxias do Sul, e está registrada nos Anais do mesmo evento: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-0496-1.pdf>.

² Maria Luiza Cardinale Baptista. Dra em Ciências da Comunicação pela ECA/USP; Professora e Pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade e dos cursos de Comunicação Social da UCS; Coordenadora do Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese; Pós-doutoranda e professora convidada do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura da Amazônia da UFAM; Pesquisadora Ibero-Americana (edital UCS/SANTANDER); Diretora da Pazza Comunicazione. E-mail: malu@pazza.com.br.

³ Mara Regina Thomazi. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Graduada em Comunicação Social, habilitação Publicidade e Propaganda pela UCS. Pesquisadora do Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. Bolsista CAPES. E-mail: marathomazi@gmail.com.

of the hostels have a systemic and complex aspect, which requires methodological strategy with procedural and plural logic. There is a communicational environment also constituted by the mediatic weave, in the personal relationships.

Keywords: Communication. Tourism. Hostel. Lovingness.

1. Introdução

Esta pesquisa tem como objetivo analisar aspectos de comunicação-trama em *hostels*, considerados a partir da sua vinculação com a mutação de processos socioculturais e comunicacionais. Para tanto, é apresentado o relato de experiências em alguns *hostels*, com uma abordagem teórico-prática, orientando a discussão. Busca-se observar, especialmente, sinalizadores, como amorosidade – no sentido de Maturana (1998), como laço fundador do social, e de Baptista (2004), como ética da relação, – e hospitalidade, entre os sujeitos do turismo. O texto é decorrente de uma pesquisa, que está sendo realizada no Mestrado em Turismo e Hospitalidade, na Universidade de Caxias do Sul. O estudo está vinculado a outra produção do Amorcomtur! Grupo de Estudos em Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese (UCS/CNPQ), intitulada “ECOSSISTEMAS TURÍSTICO-COMUNICACIONAIS-SUBJETIVOS: sinalizadores teórico-metodológicos”, no estudo de ecossistemas turístico-comunicacionais-subjetivos, considerados a partir de sua característica ecossistêmica, caosmótica e autopoietica.

Neste texto, entende-se o turismo segundo uma lógica de trama complexo-sistêmica, inicialmente associada ao conceito de comunicação, na apresentação do conceito de “comunicação-trama” (BAPTISTA, 2000). Isso sugere a superação dos aspectos reducionistas, mecanicistas e cartesianos, inerentes ao modelo tradicional de Ciência e de mercado, que vêm predominando em parte da produção teórica (CAPRA, 1997; 2003). A necessidade de consideração do turismo e da comunicação em perspectiva mais ampla se verifica porque se acredita no seu caráter multifacetado, que vem se entrelaçando à mutação das demandas dos sujeitos envolvidos com as práticas comunicacionais e desterritorializantes do turismo. É o que sinaliza Barretto (2001), por exemplo, em texto que relata também a importância de ampliar focos, criar conexões e avançar em áreas pouco ou nada exploradas no turismo.

Nesse sentido, percebe-se que alguns sujeitos do turismo vêm buscando, hoje, muito mais do que um turismo comercial, restrito a aspectos materiais concretos, mas almejam uma ampliação de serviços, uma hospitalidade “ideal”, em situação de expressiva troca de cultura e boa prática da amorosidade, na interação complexa de relacionamentos

que se vive no turismo. A trama comunicacional que se estabelece, tanto em nível midiático quanto nas relações interpessoais, cria ambientes complexos e desafiadores para os estudos contemporâneos.

O interesse pelo assunto surgiu em decorrência de vários caminhos percorridos. No plano pessoal, foi se evidenciando no processo de reflexão de uma das pesquisadoras, que começou a pensar na forma com que sua vivência estava ligada, ao mesmo tempo, à Comunicação e ao Turismo. Em algumas viagens, houve a oportunidade de se hospedar em *hostels*, e isso a fez perceber o caráter multicultural desse local, bem como as nuances da interação complexa entre os seus usuários. Também foi ficando claro que as peculiaridades dos ambientes está relacionada à riqueza da trama comunicacional envolvida, desde o planejamento da viagem, o processo de desterritorialização, o período de hospedagem e o retorno do turista.

Na reflexão sobre as possíveis metodologias adequadas para a pesquisa, optou-se por utilizar a estratégica metodológica Cartografia de Saberes, proposta por Baptista (2014), por se tratar de orientação pertinente à pesquisa qualitativa e ao pensamento complexo-sistêmico. Durante processo exploratório, marcado por levantamento bibliográfico e discussões sobre a temática nas rodas de conversa do grupo, foi produzido diário de viagem, com o recurso investigativo denominado por Baptista como “resgate de memórias”, com a produção de texto em função do registro de lembranças, através de relatos de uma das pesquisadoras, sobre suas próprias experiências como hóspede. Por meio do tratamento investigativo dessas vivências, com relato, sistematização e discussão, foi possível fazer uma reflexão e propor alguns sinalizadores, a partir das situações vividas nos *hostels*, relacionando-as à teorias que nos fazem perceber, nos estudos da Comunicação e do Turismo, mutação também no modo de investigar.

2. Hostels

Existem relatos sobre a história do surgimento do *hostel* no mundo, que, de acordo com Simpson (2015), por exemplo, apresentam como “idealizador” o professor Richard Schirmann, que, na Alemanha, em 1909, fazia pequenas viagens de estudos com os alunos. Um dia, surpreendido por uma tempestade, precisou abrigar os alunos e, a partir disso, teve a ideia da criação de um espaço que acolhesse os estudantes e viajantes jovens. Em 1912, surgiu, então, o primeiro *hostel*.

Como estabelecimento de hospedagem, *hostel* é também conhecido como albergue. Vale destacar, nesse sentido, que o alberguismo é considerado por Giaretta (2003) uma das modalidades do turismo alternativo, ou seja, não convencional. Segundo a autora, o

movimento teve início no Brasil em 1971, mas se expandiu na década de 1980 e se consolidou depois de 1990. Considerando os dados de surgimento no mundo e desenvolvimento no Brasil, portanto, entende-se que esse não é um tipo novo de acomodação. Mesmo assim, pode-se dizer, ainda é um conceito pouco disseminado no Brasil e, talvez, pouco compreendido pela população.

Observa-se que, geralmente, os *hostels* têm características similares, como a boa localização na cidade e, também, as diferenciações arquitetônicas e visuais em relação ao padrão de hospedagem tradicional. Quanto aos quartos, há opções de compartilhamento ou privativos. A opção compartilhada pode ser com quatro camas, seis, oito, dez, doze ou, até mesmo, mais. Os banheiros também são compartilhados. Nos quartos duplos, há um banheiro por quarto, e, nos demais, os banheiros geralmente são nos corredores⁴.

Outra peculiaridade, típica do *hostel*, é oferecer cozinha compartilhada. Todas as acomodações que a pesquisadora teve a oportunidade de conhecer tinham uma boa cozinha. Lá, cada um pode preparar a sua própria comida. Há armários, fogão, pia e geladeira. Nos armários ou na geladeira, podem ser deixados alimentos e, estes, ficam identificados com o nome do hóspede em uma etiqueta, bem como a data do *check-out*.

Esse tipo de acomodação geralmente tem uma ou mais áreas de lazer, onde pode haver sofás, televisão, jogos, entre outros. Esses ambientes são descontraídos e propícios à socialização entre os hóspedes. De acordo com as aproximações investigativas da pesquisadora, pode-se dizer que o público do *hostel* é mais propenso à interação, mais aberto à convivência – talvez pelos próprios espaços oferecidos pela hospedagem – e demonstra mais adaptabilidade às condições e ocorrências cotidianas. Pelo que se percebe nas observações realizadas, o hóspede do *hostel* procura, nesse meio, aspectos não contemplados pelos meios convencionais de hospedagem. Esse público, segundo a Fundação Brasileira de Albergues da Juventude⁵, são jovens entre 21 e 28 anos, interessados em “troca de experiências e valores como liberdade, confraternização, paz e respeito”.

Pelo que é possível perceber nas situações de convívio, pode-se dizer que o usuário de *hostel* busca muito mais do que acomodação barata. Há procura pelo turismo do conviver, em que as pessoas demandam mais o contato com o outro, como diz Barreto (2001). Além disso, “[...] os jovens buscam viver uma cultura diferente, preferem o uso de meios de transporte locais, os atrai a aventura, o alojamento mais econômico e não necessariamente visitam os atrativos turísticos massivos”⁶ (LAZZARI, 2010, p. 11).

O *hostel* é um dos meios de possibilidade para conexões na experiência turística. Por meio dele, são gerados vínculos entre as

⁴ Os dados relativos à infraestrutura dos *hostels* decorrem de observação direta, de uma das pesquisadoras, bem como das buscas realizadas em vários websites, que anunciam ofertas desses estabelecimentos.

⁵ Associação Paulista de Albergues da Juventude. **O que são *hostels*?** Disponível em: http://www.alberguesp.com.br/site/conteudo.asp?id_subsecao=2&titulo=Conhe%E7a. Acesso em: 07 abr. 2017.

⁶ Tradução livre do original: “lós jóvenes buscan vivir una cultura diferente, prefieren el uso de medios de transporte locales, lès atrae la aventura, el alojamiento más económico y no necesariamente visitan lós atractivos turísticos masivos” (LAZZARI, 2010, p. 11).

peças e acontece o resgate de alguns valores, como a confiança, respeito e amorosidade com o outro. O interesse do hóspede por esse tipo de estabelecimento vincula-se ao que Isabel Baptista acredita ser uma hospitalidade não mais artificial, racional, mas “[...] que aproxima as pessoas, [...] mais humana, baseada no acolhimento, na solidariedade, na sensibilidade que só o outro pode dar” (BAPTISTA, I., 2002 apud OLIVEIRA, 2011 p. 34). O pensamento dessa autora associa-se à perspectiva de amorosidade: “No que diz respeito ao turismo, não há hospitalidade sem o acionamento de planos amorosos, de disposição de estar junto, de respeitar-se mutuamente, os tempos, os silêncios, os ritmos, as diferentes ‘miradas’ para as cenas partilhadas.” (BAPTISTA, M., 2014 p. 40).

3. Comunicação-trama em *hostels*

O conceito de comunicação-trama é uma abordagem complexa que engloba uma série de fatores que interferem, conduzem e transversalizam formas comunicacionais nas mais diversas áreas. Percebe-se que há uma mutação de valores e a emergência de outra concepção de mundo, que envolve a comunicação, mas também a Ciência como um todo. Capra (2003) dá sustentação a essa ideia, quando relaciona as teorias da Física contemporânea aos conceitos de realidade, afirmando que a concepção do universo é “como uma rede interligada de relações”.

Conceitos de comunicação relacionados a autores como Santaella (2003), Marcondes Filho (2004), Sodré (2001), e aos estudos da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) sobre ecossistemas comunicacionais, de Gilson Monteiro (2012), estão em sintonia com o pensamento de Baptista (2000). Esta autora propõe o termo comunicação-trama para expressar um conceito que remete à relação entre os sujeitos e a movimentação de dados que vão e voltam:

Comunicação é interação de sujeitos, através do fluxo de informações entre eles, numa espécie de trama-teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorpórais, significantes e a-significantes. (BAPTISTA, 2000, p. 33-34).

Pensando que o mundo está em uma complexa e constante transformação, os sujeitos envolvidos, por sua vez, também estão. Essas formas comunicacionais se transversalizam e também são sinalizadoras de mudança. Segundo Baptista (2004, p. 4), comunicação-trama “[...] envolve tanto o estabelecimento complexo dos entrelaçamentos da comunicação interpessoal direta, quanto o processo, na malha das grandes redes midiáticas da contemporaneidade”.

No caso do turismo – e, especificamente, o *hostel* –, também se mostra conectado com um sistema mais amplo, envolvendo outros fatores. Essa trama acontece desde antes de chegar ao *hostel*, no momento que utiliza da tecnologia – *website*, página no Facebook ou mesmo plataformas de reserva. Verifica-se, também, o acionamento da trama na forma interpessoal, através da indicação e busca de referências sobre os locais. No caminho até chegar ao *hostel*, o sujeito faz a viagem a sua maneira, buscando pelas formas que mais lhe agradam e, através delas, tem contato com outros sujeitos. Quando chega à hospedagem, há o envolvimento entre os sujeitos, que ocorre de diversos modos. As relações acontecem em ambiente que tem seu próprio conceito, com provocação e incentivo a um relacionamento interpessoal. Por exemplo, o fato de que praticamente todos os espaços desse alojamento são compartilhados já sugere que o hóspede não fique no seu quarto, mas, sim, que saia, participe e interaja com os outros sujeitos.

Essa perspectiva é coerente à concepção de Moesch (2002, p. 9), quando diz que o turismo é uma “combinação complexa de inter-relacionamentos”. Isso demonstra que a concepção trama, como vem defendendo Baptista (2004), também é coerente ao turismo. As duas áreas se desenvolvem através de processos e práticas complexas que, por sinal, se transversalizam. Dentro do *hostel*, observa-se também uma hospitalidade diferenciada. É possível perceber que outro ambiente se configura, nas tramas das vivências partilhadas, sob um paradigma mais colaborativo e menos individualizado. Essa ocorrência se dá também pelos processos comunicacionais e relacionais inerentes ao ambiente.

Nesse estudo do mundo de relações, Maturana descreve o amor como fator fundamental. “O amor é a emoção que constitui o domínio de ações em que nossas interações recorrentes com o outro fazem do outro um legítimo outro na convivência” (1998, p. 22). Assim, os pressupostos dos estudos Amorcomtur! envolvem uma perspectiva amorosa, de amorosidade como ética da relação, como potencial de “invençione” de relações pautadas pela ética do cuidado, pelo respeito mútuo e cultivo de entrelaçamentos intensos e marcados pela confiança.

4. Sinalizadores metodológicos

Pelas peculiaridades do objeto de estudo e do lócus de pesquisa, a investigação proposta envolve desafios em termos da estratégia metodológica. Os métodos de pesquisa convencionais certamente têm sua relevância⁷; entretanto, na contemporaneidade, verifica-se a necessidade de reinvenção dos modos de investigar, principalmente das Ciências Humanas e Sociais.

O próprio ambiente *hostel*, que remete a transformações no

⁷ A bibliografia sobre esses métodos é ampla e já bastante consolidada, variando desde autores que apresentam modelos de pesquisa quantitativa e estatística, espécies de manuais, como por exemplo Silvio Luiz de Oliveira (1999), até autores que propõem aberturas para a pesquisa qualitativa, como Michel Thiollent (2007).

cenário de hospedagem, também demanda mudanças no modo de pesquisar o turismo e a comunicação. É por isso que propõe-se, para este trabalho, a utilização, como base, da estratégia metodológica Cartografia de Saberes (Baptista, 2014), que se alinha aos pressupostos de Rolnik (1989), entre outros autores. Para entender, primeiramente, o conceito de cartografia, apresenta-se o pensamento de Rolnik (1989), o qual descreve que o cartógrafo não tem apenas um método, mas fundamentos que o orientam.

Desses fundamentos, decorre o que Baptista vem chamando de “trama de trilhas”. “São pistas que cada pesquisador vai compondo, numa espécie de trama metodológica, ao compreender mais profundamente o fenômeno que está estudando”. (BAPTISTA, 2014, p. 3). Segundo Baptista (2014), essa trama, que envolve a Cartografia de Saberes, vai se construindo através de saberes pessoais, saberes dos outros (especialmente teóricos, que decorre de levantamento bibliográfico) e a vivência do pesquisador na área da pesquisa a ser realizada, com a definição de aproximações e ações investigativas.

Para este estudo, utiliza-se, inicialmente, a pesquisa exploratória, que acontece a partir de um levantamento bibliográfico sobre o tema. Ao mesmo tempo, resgata-se todo o conhecimento prévio, bem como as vivências relevantes, descritas em diário de viagem. Trata-se, aqui, do acionamento da linha cartográfica dos saberes pessoais, combinada ainda com a terceira linha, que é o que Baptista (2014) chama de “laboratório de pesquisa” ou “usina de produção”, processo a partir do qual são efetivadas aproximações e ações investigativas. Isto significa que são produzidas situações de investigação em que, inicialmente, o pesquisador sai a campo com a proposta de aproximação e sistematização preliminar dos dados, sem um planejamento rigoroso, mas com a orientação de abertura para o que o fenômeno sinalizar. A seguir, essas aproximações são analisadas e orientam a definição de ações investigativas, alinhadas com os objetivos específicos da pesquisa.

Dessa última etapa, tem-se a ação investigativa participante, a partir da qual são descritas algumas das experiências em *hostels*, vividas por uma das pesquisadoras. Essas experiências são contadas em três episódios, com base nos registros de diário de viagem. Os episódios são relatados em primeira pessoa do singular de como, exatamente, aconteceu cada evento. A pesquisadora estava fazendo um intercâmbio nos Estados Unidos, de dezembro de 2012 a novembro de 2013. Morava na cidade de Boston e fez algumas viagens para outras regiões daquele país. Esses três episódios são viagens que, portanto, aconteceram nessa condição. Após o relato, faz-se uma breve discussão, destacando pontos relevantes, de acordo com cada situação e que se relacionam com o objeto de estudo.

5. Episódio Um: Nova Iorque

Primeira viagem sozinha, estava eu em Nova Iorque. Não possuía celular com internet. Então, os recursos que eu tinha eram um mapa impresso e, em um papel, anotados os números e nomes de metrô e ônibus, que eu precisava para chegar ao hostel. Assim fui, perguntando informações para algumas pessoas e se estava no caminho certo, para outras. Então, da rodoviária, utilizei um metrô e mais um ônibus, até que estava em frente ao hostel.

Quando desci na parada de ônibus, avistei o hostel do outro lado da rua; porém teria que atravessar uma passarela de pedestres para chegar lá. Já era 10 da noite. Comecei a subir na passarela, e tudo estava muito escuro. Com o canto do olho, avistei que, no meu lado direito, estava completamente escuro. A curiosidade não me impediu, e olhei para minha direita: um cemitério. Sem outra alternativa, continuei subindo e atravessei a passarela, como uma fâsca, cheia de medo, até chegar ao hostel.

Esta foi minha primeira experiência em hostel. Foi quando descobri muitas coisas que não sabia. Foi ali que aprendi como funciona a cozinha, que cada um lava a louça que sujar e, neste caso, até mesmo depois do café da manhã, que a própria hospedagem oferece. Nos armários da cozinha ou na geladeira, podem ser deixados alimentos, e estes ficam identificados com o nome do hóspede. Havia um cartaz solicitando que fosse colocado o nome e a data do check-out. Deixei meus biscoitos lá, identificados, e no dia seguinte lá estavam, no mesmíssimo lugar. Ainda na cozinha, havia apenas uma mesa na cozinha, mas bem longa. Num espaço logo ao lado, havia televisão, jogos e espaço de leitura, tudo integrado. Durante os dias que ali estive, conversei com algumas pessoas, no quarto e na cozinha.

Eu também queria ser turista pela cidade e para isso comprei um tour pela internet. Para isso, precisava chegar ao centro, que era o local de partida. Parecia descomplicado, uma vez que tinha novamente tudo anotado em um papel. Depois de pegar ônibus e metrô, me vi perdida, e o plano de emergência, em meus pensamentos, foi sempre: “Em último caso, desço e procuro um taxi”. Foi o que eu fiz. Escolhi uma estação do metrô e desci. Quando saí para a rua, percebi que estava bem deserto naquela região. Era domingo de manhã, não havia carros passando, muito menos taxis. Comecei a perceber uma movimentação de homens nas ruas. Homens com grandes casacos e chapéus pretos, barbas e uns cabelos estranhos. Muitos deles. Percebi que estava no meio de um bairro de judeus e que estes estavam indo a uma cerimônia religiosa. Mesmo depois de constatar o que era, a situação ainda me levava a ter medo, pois eu continuava perdida, ali sozinha. A única solução era voltar ao metrô e tentar descer em outra parada, à procura de um taxi. Foi o que aconteceu, e finalmente, consegui um amarelinho.

Por meio desses eventos, percebe-se uma lógica da mutação

no sistema de hospedagens turísticas, e isso se verifica também na **questão do transporte**. Se o sujeito busca um meio não convencional e preço mais barato na hospedagem, ele, do mesmo jeito, procura esses recursos alternativos para chegar na cidade e ao *hostel*. Percebe-se, nesse relato, primeiramente, o modo de chegar à Nova Iorque, ônibus, ao invés de avião. Depois, a busca pela chegada ao *hostel*, com transporte público. Dessa forma, o turista é capaz de vivenciar a cidade, pois experimenta o deslocamento que os próprios **moradores locais** vivem diariamente e também tem a oportunidade de se comunicar com os habitantes – e mesmo outros turistas – daquele lugar.

O encontro com o território do outro pode mostrar, de forma surpreendente e positiva, a **diferença cultural**. Foi preciso acreditar e incorporar outra lógica cultural para pensar que não seria perigoso, nem nada de mal iria acontecer, ao atravessar aquela passarela escura à noite. De acordo com a cultura de origem, devido às circunstâncias, a lógica é reconhecer-se em um cenário característico de medo.

Através da mesma questão cultural, viveu-se o estranhamento na cena, envolvendo a preocupação, no sentido de que, se deixar algo no ambiente público, não vai estar lá no dia seguinte. E, pelo contrário, lá estavam os biscoitos. Há, portanto, uma ruptura de conceitos e valores. Existe **confiança e respeito** com o que é do outro.

A maneira que se utilizou para chegar ao *hostel* possibilitou contatos com nova-iorquinos, no metrô e também no ônibus. Com os pedidos de informações, foi possível perceber a receptividade dos mesmos e conhecer também partes da cidade, pois, no caminho, observou-se tudo por onde passava. Também vivencia-se o típico cenário de Nova Iorque, com o metrô lotado em horário de pico e trabalhadores se dirigindo ao centro da grande metrópole, em plena segunda-feira.

Da mesma forma que esse sujeito do *hostel* busca chegar à hospedagem ou à cidade de maneira diferenciada, procura também explorar a cidade com **meios alternativos**. Por isso, a opção por um *tour* mais barato, comprado pela internet e, por chegar ao ponto de partida, utilizando o metrô. A peregrinação não foi tão bem sucedida, porém trouxe a passagem por uma área da cidade que certamente não teria sido conhecida.

6. Episódio Dois: Martha's Vineyard

Essa foi uma aventura de carro, com três amigas. Não sabíamos bem o que iríamos encontrar naquela ilha simples e histórica. Recordo que tentamos buscar informações na internet, mas pouco encontramos sobre o local. Utilizamos uma balsa, para atravessar e chegar à ilha, deixando o carro do outro lado, pois lá não era permitido, para

turistas, entrar com o automóvel. Cidadezinha pitoresca, com 16 mil habitantes, com praias, faróis e fazendas. Os ônibus da cidade muito simples e cheios de areia conduziam as pessoas entre bairros da pequena ilha.

Com um ônibus desses, chegamos ao hostel que havíamos reservado. A primeira impressão foi um pouco assustadora, pois o hostel era no meio do nada, em meio a um mato fechado. Um local grande, mas de madeira, similar a uma residência comum, típica americana. Ficamos imaginando como seria a noite nesse lugar, como um filme de terror. Mas havíamos feito reserva, então, entramos.

Já na recepção, a imagem mudou. Fomos tão bem atendidas, que toda essa má impressão passou. O casal atendente nos falou sobre fazer o cartão fidelidade, com descontos e que, se fizéssemos, já ganharíamos desconto naquela hospedagem mesmo. O computador da recepção estava sem sistema no momento e eles aceitaram que pagássemos as diárias no dia seguinte. A mulher nos acompanhou até o quarto, que ficava no andar de cima, e nos mostrou tudo como funcionava. Era um quarto bem grande, com 10 ou mais camas. No momento, não havia mais hóspedes, além de nós quatro, dormindo ali naquele cômodo.

O sol nasceu. Descemos para o café da manhã e tivemos mais uma surpresa boa. O próprio casal estava fazendo panquecas típicas americanas, com todo carinho para os hóspedes. Eles estavam fazendo na hora, conforme as pessoas desciam para o café. Eles nos mostraram também a maneira do preparo e conversamos sobre a receita. Cada uma de nós recebeu no prato, quentinhas, as panquecas.

Ainda cedo, pagamos as diárias na recepção e nos entregaram os números dos cartões fidelidade. Além disso, nos indicaram alguns lugares para visitar e responderam algumas perguntas que tínhamos sobre a região. Para nos deslocarmos entre os lugares que queríamos, utilizamos sempre os ônibus locais. Fomos a restaurantes, bares, pontos turísticos da ilha e fomos ao porto, onde se percebe a principal atividade econômica da ilha, a pesca.

Nesse episódio, a primeira impressão do *hostel* veio relacionada à **percepção cultural** pessoal da pesquisadora, no sentido de que, se um lugar é escuro, vai ser perigoso. Depois que entrou no local, inicia a **ruptura** dessa lógica, com o **atendimento acolhedor e hospitaleiro**, desde o início. A quebra desse paradigma foi completada com o café da manhã encantador, acompanhado de um **carinho familiar**.

As características do *hostel* remetem ao aprendizado e à descoberta de novas e transformadas práticas. Isso se verifica, porque, ali, naquele universo, tem-se a retomada de práticas domésticas de hospedagem e, ao mesmo tempo, a inovação. Nesse episódio,

vivenciou-se o real sentido da palavra **hospitalidade**⁸, por parte dos hospedeiros, para com os hóspedes. O carinho e atenção com cada pessoa, que remete a um ambiente familiar, caseiro, no **convívio íntimo** com o outro, destacam-se, nesse sentido.

Houve também o deslocamento pela **cidade**, onde se viveu nela, como moradora, durante aquele determinado período. Foi utilizado o transporte público, diversas vezes, frequentados restaurantes, bares, lojas. Visitou-se pontos turísticos, mas também ocorreu um passeio no porto, admirando os pescadores e o lindo pôr do sol.

A oferta do cartão fidelidade mostra que a atividade profissional é pensada pela lógica comercial, de sobrevivência do negócio. O *hostel*, apesar de mostrar diferenciações com o modelo tradicional de hospedagem, ao mesmo tempo, mantém alguns elementos, como o cartão fidelidade, oferecido aos hóspedes. A própria franquia ou rede também é pensada por esse viés.

7. Episódio Três: Seattle

Em agosto de 2013, saindo de Vancouver, com cinco horas de ônibus, estava em Seattle. Quase fui barrada na alfândega, pois esqueci que tinha uma maçã e um sanduíche na mochila. Consegui chegar ao hostel bem e sem pagar a multa gigantesca. Logo percebi a ótima localização da acomodação, que ficava a uma quadra do metrô. A recepcionista, muito atenciosa. Para chegar até a cozinha, havia um corredor, e, em meio disso, sala de televisão com sofás e sala da lavanderia e armários. No andar de cima, os quartos. Na entrada, havia uma porta com leitor de cartão. Então, cada hóspede recebia um cartão e só entrava para a área dos quartos quando passasse esse cartão.

A cozinha era bem grande, convidativa e bem organizada. Havia uma bancada quadrada bem grande com fogões e pias e, logo ao lado, muitas mesas. Já no primeiro dia, fui ao supermercado comprar algo para cozinhar lá. Entre as coisas que comprei, estava uma dúzia de ovos. Acabei não comendo nenhum ovo e deixei na geladeira devidamente etiquetada com meu nome. Foi aí que aconteceu uma situação bem interessante. No dia seguinte, quando abri a caixa dos ovos, estava faltando um ovo. No lugar, havia uma nota de um dólar, sendo que o valor que foi pago pela dúzia toda era pouco mais que esse.

No episódio anterior, em Vancouver, conheci dois rapazes da Inglaterra, e, eles haviam me dito que iriam também para Seattle depois. No segundo dia que eu estava em Seattle, eles chegaram. Nesse dia, aproveitei o Pub Crawl, tour noturno oferecido pelo hostel, para conhecer algumas pessoas.

⁸ Pode-se referir, aqui, nesse sentido, a noção proposta por Isabel Baptista, quando esta afirma que acredita em uma hospitalidade “que aproxima as pessoas, [...] mais humana, baseada no acolhimento, na solidariedade, na sensibilidade que só o outro pode dar” Isabel Baptista (2002 apud OLIVEIRA, 2011 p. 34).

Terceiro dia. Fui explorar Seattle a pé e depois de bicicleta. À noite fiquei socializando no hostel, na sala de televisão junto com outros hóspedes. No dia quatro, encontrei-me com uma conhecida que morava lá, e juntas fomos fazer um passeio turístico pela cidade. No último dia, fiz o check-out para liberar o quarto e fiquei na sala com televisão, até o horário de partir para o aeroporto.

Nessa situação, nota-se, novamente, a **vivência na cidade**. Nesse episódio, porém, teve algo mais, que foi a ida ao supermercado. Essa atividade, por mais simples que pareça, traz consigo inúmeros aspectos inerentes a esse outro tipo de negócio. É o que se constata, porque, além do contato na cozinha do *hostel*, enquanto prepara sua comida e a come, o turista, indo ao supermercado, conhece um pouco mais da cultura local, os preços da região, as pessoas que ali frequentam. Nessa experiência turística, o hóspede se insere na cidade como um **morador temporário**.

Além disso, nesse episódio, tem-se muito evidente a questão dos **vínculos** que se formam entre as pessoas. Esse público, no geral, já está mais “aberto”, por estar nesse ambiente e entender que, por estar ali, precisa estar disposto a interagir com outras pessoas. É possível chegar e conversar com o outro facilmente, sem “cerimônia”.

Nesse sentido, há uma quebra no sistema tradicional, que diz que é necessário conhecer alguém antes, para saber se é possível conversar e deixar a pessoa se aproximar. No *hostel*, percebe-se que não existe essa barreira, no que diz respeito às **aproximações**, e as relações são mais marcadas pela **confiança**. Parece que os sujeitos confiam uns nos outros, pelo simples fato de estarem hospedados no mesmo local. No acontecimento com a caixa de ovos, é possível perceber essa base de confiança, além do **respeito** mútuo e a **valorização do que é do outro**.

O fenômeno *hostel* nos faz refletir também sobre a questão da **sustentabilidade**. Por exemplo, se comparado à hotelaria, verificam-se algumas distinções bem evidentes, como já citado, em relação a ar condicionado, frigobar, televisão. Além disso, o uso da geladeira compartilhada, bem como a questão das pessoas que fazem *check-out* deixarem alguns alimentos (óleo, sal, azeite, açúcar e outros) no local, para que os outros hóspedes possam utilizar, também remete a um **cuidado com o meio ambiente** muito presente, uma vez que os alimentos não serão desperdiçados; logo, reduzirá também o consumo.

8. Considerações finais

Considera-se, neste texto, o mundo em processo de transformação, o qual envolve, na sua mutação, também os sujeitos do turismo, em meio a uma complexa trama comunicacional. Assim, ao realizar o estudo, foi-se compreendendo que a trama complexa é ampla e que as mudanças sinalizadas estão conectadas. A experiência turística em *hostels*, neste caso, conecta-se com a trama de ações investigativas em transformação, tal como vem sendo proposta para esta pesquisa, no processo de investigação orientado pela Cartografia de Saberes.

Como se verifica, a comunicação-trama acontece não só dentro dos *hostels*, mas também anteriormente, durante o processo de busca nos *websites* e por indicações e referências sobre as acomodações. Posteriormente, aparece também no caminho que o sujeito percorre até a chegada à hospedagem, nas relações e vínculos criados, através desse ambiente provocativo, que convida e incentiva o relacionamento interpessoal.

Além dessas formas comunicacionais que se transversalizam, há o resgate de valores como hospitalidade e amorosidade, considerando que estes valores se diferenciam dos praticados no modelo tradicional de hospedagem, uma vez que, no *hostel*, é possível perceber que há uma característica diferenciada. Nesse caso, existe a prática mais coletiva e menos individual, o que se associa à concepção de amorosidade como ética da relação, respeito mútuo e conservação desses vínculos criados, marcados também pela confiança.

Através do resgate de memórias das experiências vividas, por parte de uma das pesquisadoras, foi possível perceber detalhes importantes para a investigação, que foram também discutidos no Amorcomtur!. Por meio dessa aproximação da pesquisadora com o objeto de estudo, percebeu-se elementos significativos, característicos do *hostel* e que foram apresentados em forma de reflexão, após cada relato dos episódios.

Esses elementos, em síntese, são: os ambientes compartilhados (cozinha, banheiros e outros espaços), que, claro, caracterizam o *hostel*, desde sua concepção; a questão do cuidado com o meio ambiente, próprio do espaço físico e de uma espécie de consciência ecológica, que parece predominar neste tipo de negócio; o resgate de valores – como confiança, respeito mútuo, hospitalidade e amorosidade – percebidos de diversas formas; bem como os vínculos criados entre os sujeitos.

Por fim, acredita-se que todo o processo de investigação se constitui em paralelo à história dos sujeitos pesquisadores. Compreende-se que a produção da Ciência entrelaça projetos de vida,

de sujeitos singulares e coletivos. Assim, o resgate de experiências, associado ao trabalho em rodas de conversa, longas e profundas discussões no grupo, em pares e com o coletivo do Programa de Pós-Graduação, nas diversas situações da vida acadêmica, vai consolidando saberes mais densos e intensos. A proximidade construída nas relações e a ética do cuidado mútuo, em meio aos caminhos e descaminhos dos pesquisadores, são aspectos que ensinam que a metáfora *'hostel'*, como campo de reinvenção do modo de se hospedar, talvez seja interessante também para pensar o modo de “hospedar em grupos de pesquisa e programas de pós-graduação”, para pensar a Comunicação, o Turismo, bem como repensar outros campos de saberes.

Nesse sentido, a amorosidade e autopoiese⁹ são inerentes, também, ao modo de investigar; são marcas de pesquisadores que entendem a realidade como complexa e em constante mutação. Ao mesmo tempo, compreendem que a prática de hospedar implica, de fato, em um processo de acolhimento e entrelaçamentos nas vivências partilhadas, elementos que podem ser investigados nos *hostels*.

Referências

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Cartografia de saberes na pesquisa em turismo: proposições metodológicas para uma ciência em mutação. **Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul, v. 6, n. 3, 2014. Disponível em: http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2647/pdf_273.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **Comunicação, amorosidade e autopoiese**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27, 2004, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: s/e, 2004.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. **O sujeito da escrita e a trama comunicacional**: um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporânea. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação – Escola de Comunicações e Artes) – Universidade de São Paulo, 2000.

BARRETO, Margarita. As ciências sociais aplicadas ao Turismo. In: SERRANO, Célia; BRUHNS, Heloisa Turini; LUCHIARI, Maria Tereza D. P. **Olhares contemporâneos sobre o turismo**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 2001.

⁹ Termo utilizado, aqui, no sentido de autoprodução, o processo de produção de vida, considerando que o caráter autopoietico surge do acionamento, decorrente do encontro, e ações compartilhadas. O termo foi criado por Maturana (1998) e é estudado também por outros autores, como Maturana e Varela (1997) e Guattari (1992).

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. Uma nova compreensão dos sistemas vivos. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**. 24. ed. São Paulo: Pensamento-Cultrix, 2003.

GIARETTA, Maria José. **Turismo da juventude**. Barueri, SP: Manole, 2003.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma ético-estético**. 34. ed. Rio de Janeiro, 1992.

LAZZARI, Luisa L. **Turismo juvenen Argentina**: primer reporte de investigación. Buenos Aires, Argentina: Universidad de Buenos Aires, 2010.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Até que ponto, de fato, nos comunicamos?** São Paulo: Paulus, 2004.

MATURANA, Humberto R. **Emoções e linguagem na educação e política**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **De máquinas e seres vivos: autopoiese, a organização do vivo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MONTEIRO, Gilson Vieira; ABBUD, Maria Emilia de Oliveira Pereira; PEREIRA, Mirna Feitoza. **Estudos e perspectivas dos ecossistemas na comunicação**. Manaus: Ufam, 2012.

MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

OLIVEIRA, Ana Carolina Rodrigues. **Da pedagogia da hospitalidade no turismo ao turismo pedagógico pela hospitalidade**. 2011. 197 p. Dissertação de Mestrado – Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2011.

OLIVEIRA, Silvio Luiz de. **Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1999.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Experimento, 2003.

SIMPSON, Duncan M. **Richard Schirrmann: the man who invented youth hostels**. Versão Eletrônica Kindle, 2015.

SODRÉ, Muniz. **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 15. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

Avaliadores:

Juremir da Silva
Fabiana Piccinin